

**AS FRONTEIRAS IMAGINÁRIAS: DIÁRIO DE CAMPO DO ESTÁGIO DE  
PSICOLOGIA SOCIAL REALIZADO NO BAIRRO DE VILA NOVA  
JAGUARÉ**

*Rodolfo Luis Almeida Maia  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*

---

O presente trabalho busca realizar um diário de campo contendo as informações acerca da primeira visita realizada na comunidade de Vila Nova Jaguaré, situada na zona oeste da cidade de São Paulo. O objetivo principal desta ida a campo é fazer com que os alunos tomem contato com um território considerado irregular para relacionar a experiência vivida com os conceitos de direito à cidade, estudados em aula. Além disto, esta é uma experiência que possa preparar os alunos para o trabalho nos setores como a assistência social e a saúde pública, nos quais as visitas domiciliares são parte fundamental do cotidiano de trabalho.

A primeira visita foi feita no dia 18 de dezembro de 2014. A segunda visita a ser realizada após o contato com uma família do bairro está agendada para ser realizada na próxima semana, entre os dias 18 e 25 de janeiro, aguardando a confirmação das famílias.

Neste sentido, buscarei realizar um relato etnográfico, no modelo de descrição densa proposto por Geertz (1989), da experiência vivida ao longo da primeira visita que realizamos à comunidade. Antes de iniciar o relato propriamente dito, cabe realizar algumas considerações acerca da história do bairro para o melhor entendimento do contexto do local e sua relação com o objetivo do trabalho<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que as informações descritas nesta introdução foram colhidas após a ida a campo, de forma a não influenciar o olhar sobre o campo.



## **A IDA ATÉ O CAMPO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REGIÃO**

A nossa ida a campo se iniciou no Instituto de Psicologia. Ao todo, haviam sete alunos além do monitor que afirmou ser mais fácil para nós irmos a pé até a comunidade. Seguimos então o caminho saindo pela Portaria 2 da Cidade Universitária. O contraste entre os ambientes de dentro e de fora da universidade foi evidenciado pelo calor de 32°, de acordo com o termômetro de rua localizado na Avenida Jaguaré. Do lado de dentro da Universidade as árvores impediam que o sol nos atingisse diretamente e a sensação térmica era mais amena. Após chegarmos à Avenida Jaguaré, o sol nos atingia diretamente e a sensação de calor se tornou muito maior.

Paramos para atravessar a avenida no primeiro semáforo de pedestres, mas ele estava quebrado e tivemos que nos arriscar para conseguir atravessar, já que se trata de uma avenida de grande movimento. No canteiro central, pudemos ter a noção das condições do bairro. De um lado, um muro gigante cercava a Universidade da São Paulo. Do outro lado, outro muro cercava a Sede da Brasil Foods (BRF), empresa dona das marcas Sadia, Perdigão, Batavo, Qualy e Elegê. Ao fundo, havia um condomínio de luxo com quatro prédios que pareciam ser recém-construídos. Logo atrás deste condomínio havia outro condomínio ainda em construção. Este cenário evidenciou um fato que posteriormente pude comprovar ao buscar na internet o preço médio dos imóveis naquela região. Trata-se de uma área que sofreu recente valorização imobiliária. Após atravessarmos o muro da BRF, chegamos à Avenida Kenkiti Simomoto. Logo na esquina da rua onde estávamos com a avenida havia um prédio que, segundo o letreiro da entrada, pertencia à editora Globo. Havia também um estacionamento e logo em seguida um prédio que tinha as estruturas de ser uma fábrica, mas que parecia estar desativada.

Andamos mais um pouco até chegarmos ao CEU Jaguaré, na entrada da Comunidade da Vila Nova Jaguaré e ponto de encontro com o Chico. Ao fundo, podia-se ver uma enorme fábrica de farinha. O Chico então nos contou que, quando ele chegou na comunidade, na década de 70, muito daquele território era composto de áreas verdes. Havia inclusive uma bica de água onde os moradores conseguiam pegar água. Eu perguntei se as fábricas já existiam e ele disse que a fábrica de farinha sim.

## **A PRIMEIRA IMPRESSÃO**

Após nos encontrarmos com o Chico, entramos na comunidade. Logo na entrada havia um bar no qual havia cerca de seis pessoas, todos homens. O Chico os cumprimentou, evidenciando que os conhecia e então entramos em uma rua onde havia alguns prédios de um programa habitacional financiado pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). Demos a volta neste prédio. Passamos atrás do estacionamento do prédio, onde havia vários carros que pareciam ser bem novos e bonitos. Havia também uma escada enorme que pode ser utilizada para se chegar ao topo da comunidade. Quase no topo da escada havia um grupo de adolescentes, eu pude contar quatro, sendo que todos eles eram homens. Chico então explicou que a comunidade está localizada em cima de um morro e que há dois caminhos para se subir. Ou utilizando esta escada, ou dando uma volta que fazia a subida ser muito menos íngreme. Este foi o caminho que fizemos. Demos a volta no conjunto habitacional e saímos novamente na rua onde estávamos. Na esquina havia um outro grupo de cerca de oito adolescentes, todos homens, que aparentavam ter entre 16 e 20 anos.

Do outro lado da rua havia muitas lojas. Andamos um pouco e as casas passaram a ficar um pouco menores até que chegamos a uma rua mais estreita na qual haviam casas d um lado e um imenso muro de uma outra fábrica do lado. Apesar do muro da fábrica ser muito alto, pude perceber uma movimentação dentro do prédio da fábrica, parecia que estávamos olhando para o fundo da fábrica cuja frente deveria ser na Marginal Pinheiros. Chico então nos mostrou as etiquetas coladas pela prefeitura nas casas daquela rua e disse: “Viram? Esta é a etiqueta que a prefeitura cola depois de fazer o cadastramento das casas. Depois disto aqui, pronto! Ninguém mais pode tirar a gente daqui!”.

Demos uma volta no quarteirão e chegamos a um prédio com os portões amarelos. Após batermos na porta, uma senhora apareceu, Chico nos apresentou como sendo sua esposa. Ela nos convidou para entrar e então apresentou o local, que era o Centro para Crianças e Adolescentes.

## O CCA

Entramos então no prédio do CCA. A esposa do Chico, que também conhecia o José Fernando, foi extremamente solícita e nos apresentou o salão principal do CCA. Nele, havia um quadro feito pelas crianças com várias mãos. Ela então nos disse que as crianças estavam de férias naquele momento, mas que o CCA só tem um mês de férias ao longo de todo ano que é utilizado para se fazer o planejamento anual. Ela disse que, ao todo não atendidas 120 crianças na faixa etária entre os 6 e 14 anos. As crianças ficam no CCA sempre no contra-turno da escola e dedicam a atividades culturais e recebem uma refeição.

Nós então subimos um andar e nos deparamos com um corredor e cerca de quatro salas de aula. Entramos em uma delas onde havia uma professora que estava realizando algumas anotações. Não havia nenhuma criança na sala, mas havia muitos jogos de tabuleiro que estavam empilhados. As carteiras possuíam um formato de semi-círculos e eram próprias para formar rodas entre os alunos. Além dos jogos, havia alguns livros e um quadro no qual estavam expostas as atividades de pintura realizadas pelos alunos. Pude identificar que uma delas se tratava sobre liberdade e tráfico de pessoas. Nele, haviam algumas mãos desenhadas e no meio de cada mão, as crianças escreveram algumas mensagens sobre o que elas pensavam acerca da questão. Notei a grande presença de discursos religiosos nas mensagens escritas pelas crianças pois Muitas delas mencionavam Deus. Um pouco antes de sairmos da sala, a professora nos parou e perguntou se o Instituto de Psicologia da USP possuía algum tipo de atendimento do qual ela pudesse participar. Segundo ela, um de seus filhos possuía “alguns problemas” e ela estava sendo atendida na clínica de uma outra faculdade, “mas é só um semestre, então já acabou.” O que mais me surpreendeu não foi o pedido da professora, mas o fato de, dentre oito alunos da psicologia, sete deles da graduação e um do mestrado, que é o monitor, nenhum deles saber sequer como funcionava o atendimento na Clínica Escola do Instituto em que eles estudam. O monitor afirmou que havia uma clínica no Instituto, e que “eles atendem sim. Eles têm que atender porque é um lugar público!”, mas nenhum dos presentes soube passar informações concretas para ela. Eu falei para ela

procurar na internet o telefone da clínica e pedir mais informações, mas também não consegui informar nada além disto.

Saímos então da sala e subimos mais um andar onde havia uma enorme quadra. Neste momento, eu ouvi dois colegas meus conversando: “Nossa! Como aqui é grande! Parece tão pequeno do lado de fora!” E, de fato, do lado de fora parecia um local muito pequeno, talvez por conta do espaço ser muito verticalizado. Ao passarmos pela quadra chegamos em uma sala na qual estavam dois professores de música. Eles nos cumprimentaram e começamos a perguntar algumas coisas sobre as atribuições deles no local. Eles disseram que dão aulas de piano, bateria, baixo e guitarra. As crianças ficam livres para escolher o que querem tocar. Todo final de ano há um festival no qual eles formam bandas e tocam juntos. Eles também comentaram que haviam alguns ex-usuários do CCA que ainda ensaiavam.

Foi então que eu perguntei à coordenadora sobre a faixa etária das crianças. Ela afirmou que eles não podem atender crianças acima de 14 anos. Eu então perguntei o que acontecia com as crianças após elas completarem os 14 anos. Ela disse que eles saem do CCA: “Nós até encaminhamos pra uns outros projetos que têm aqui, mas depende da família né!” E torceu um pouco o nariz, insinuando que algumas famílias eram complicadas de se lidar.

Ao descermos as escadas eu aproveitei para perguntar sobre a relação que eles tinham com a Prefeitura. A coordenadora disse que o local foi iniciativa que um casal que, após perder um filho, resolveu comprar o terreno e iniciar um projeto social há cerca de 20 anos atrás. Porém, há pouco tempo o espaço virou um CCA e começou a ser financiado pela prefeitura. Nós, então, agradecemos à disponibilidade da coordenadora em nos atender e então continuamos a andar pelo bairro.

O Chico conhecia muitas pessoas da região. Nós então fomos até o final da rua e chegamos à Marginal Pinheiros, de frente aos Prédios construídos pelo Projeto Cingapura .

## O CINGAPURA E A FRONTEIRA IMAGINÁRIA

Ao chegarmos na Marginal, Chico começou a falar sobre o Cingapura e disse que foi um dos piores projetos habitacionais que ocorreram no local. Segundo ele, Não teve negociação nenhuma: “Um belo dia os tratores chegaram aqui, removeram as famílias e construíram esse três prediozinhos aí virados pra marginal só pra tampar a comunidade!” Segundo ele, aqueles prédios não ajudaram a população da Vila Nova Jaguaré por conta devido ao baixíssimo número de habitações. Neste momento nós estávamos subindo uma rampa que passava atrás dos prédios do Cingapura Ao subir a rampa, ele começou a falar de como ele se sentia seguro dentro da comunidade. “Quando eu desço do ônibus, lá do lado de fora eu fico com medo de acontecer alguma coisa, mas depois que eu piso aqui dentro eu me sinto tranquilo.” Neste momento, uma das alunas virou para mim e disse. “Não sei você, mas eu também me sinto muito mais em casa aqui do que na USP.” Eu concordei com ela.

Algumas crianças estavam empinando pipa naquele local. Então paramos para olhar a vista, já que estávamos em um dos pontos mais altos do bairro. Foi então que eu disse ao Chico que trabalhei em um local próximo da estação de trem Presidente Altino, nos entornos de uma comunidade que se localiza bem perto dali. O Chico então disse. “Ah, mas lá já não tem nada a ver com a gente! Lá tem outra história!” Esta fala me levantou muitas questões acerca do modo como a comunidade dialoga com os seus vizinhos. Será que o fortalecimento dos laços com a comunidade vizinha não os ajudaria manter e a aumentar as conquistas da Vila Nova Jaguaré?

Quando estávamos passando por uma outra rua, o Chico nos disse que aquela era a divisa entre o Bairro do Jaguaré e a Comunidade da Vila Nova Jaguaré. De um lado da rua, o não pertencente à comunidade, as casas eram loteadas e eles pagavam IPTU e o dobro do valor da conta de água. Já do outro lado, pertencente à comunidade, eles não pagavam IPTU e tinham direito à tarifa popular para água e energia. Não havia, porém, nenhuma diferença, pelo menos a um primeiro contato, entre um lado e outro da rua. Esta é uma diferença entre o bairro Vila Nova Jaguaré e outras comunidades nas quais

há uma divisão muito visível entre a comunidade e o entorno. A São Remo é um exemplo disto, no qual a Avenida Corifeu de Azevedo Marques divide dois mundos completamente diferentes. O bairro São Remo, em que as casas são menores, e o bairro do Rio Pequeno, com muitos prédios e casas grandes. O Chico explicou que isto se deu por conta da história do Bairro: “Durante muito tempo nós não tínhamos nem água e nem luz aqui! Agora que nós conseguimos tudo isto, as pessoas esquecem. Ninguém quer mais saber em lutar por mais nada!”. Neste momento, nós passávamos em frente a uma casa do lado loteado na qual havia uma senhora muito idosa em uma cadeira de rodas e uma mulher de cerca de 50 anos que aparentava ser cuidadora dela. Neste momento, eu pensei qual seria a relação daquela senhora com os equipamentos presentes na Comunidade da Vila Nova Jaguaré. Existe alguma diferença na oferta dos serviços entre os dois lados? Como a UBS, por exemplo, responsável por aquele território lida com esta fronteira, ainda que histórica?

A questão da fala de Chico acerca da não participação das pessoas também me fez remeter aos movimentos políticos e aos embates enfrentados pela Universidade no último ano. Uma das principais questões que foi discutida era justamente o esvaziamento dos movimentos sociais que pode ser reparado em diversas situações.

Ao descermos uma ladeira, nós passamos por um grupo de cerca de seis jovens que pareciam ter entre 20 e 25 anos. Eles estavam fumando algo que parecia ser um cigarro de maconha. Eles então o olharam e o cumprimentaram. Chico ficou visivelmente transtornado e disse: “Pois é, né! A gente que trabalha com comunidade tem que estar preparado para tudo!” Aos meus olhos, Chico ficou muito mais transtornado do que os alunos com aquela cena, o que me fez pensar sobre qual era a imagem que ele tinha de nós. Não somente ele, mas o que as pessoas, que nos viam andando pela comunidade quase como turistas, imaginavam sobre nós e sobre o que fazíamos lá. Era evidente que não éramos de lá, mas de que forma aquelas pessoas nos enxergavam?

Por fim, descemos uma rua e saímos próximos à casa do Chico. Devido ao calor muito forte ele nos convidou para entrarmos e tomarmos uma água.

## A CASA DO CHICO

A casa de Chico se localiza de frente para uma rua bastante movimentada e ao lado de uma igreja. A entrada dá por uma viela lateral que parecia ser muito longa. Ao paramos no portão, o sol não nos atingia mais porque todas as casas são muito altas. Logo na entrada havia um cartaz grande com números de um candidato a deputado estadual. Ao entrarmos na casa, à direita havia um escritório com uma mesa, um computador e alguns papéis. À esquerda, havia a lavanderia da casa e um papagaio. Estes espaços eram separados pela porta da frente, que nos levava à cozinha. Chico entrou primeiro e nos ofereceu água gelada de seu filtro. Ficamos alguns minutos tomando água e conversando sobre alguns assuntos, como o filho do Chico que havia acabado de passar no vestibular da USP para cursar Geografia.

A sensação que eu tive foi de imensa familiaridade com o espaço. Os tipos dos móveis e a receptividade de Chico lembraram muito a minha casa e meu contexto familiar. Meus pais nasceram em Minas Gerais e a receptividade é algo muito valorizado por todos os meus familiares. Chico nos convidou, então, para subirmos e conhecermos o andar de cima. Quando subimos um lance de escadas, saímos em um quarto muito grande com uma cama de solteiro próxima a uma janela e um guarda-roupa muito grande. Havia uma pequena porta na lateral que provavelmente nos levaria a outro quarto. Nós então saímos para o quintal. Lá, pude perceber que uma escada lateral que começava na rua e terminava em uma porta em cima da casa de Chico. Eu perguntei para o Chico se aquela ainda era a casa dele, mas ele me respondeu que não, que era um casal de recém-casados que havia acabado de mudar. Ao ouvir uma voz do outro lado, fui até a outra lateral e olhei para baixo. Havia dois jovens, de cerca de 20 anos, ambos homens, conversando muito próximos de lá. Era muito fácil ouvir toda a conversa dos dois. Percebi, então, que a noção de privacidade não era a mesma. Era muito fácil para as pessoas do lado de fora da casa de Chico verem o lado de dentro.

Ao final, Chico saiu conosco desceu até o final da rua que terminava em uma bifurcação. Chico então disse: “Foi aqui onde tudo começou. Aqui era uma praça e ao

redor dela começaram as primeiras ocupações. Após um tempo a própria praça foi ocupada.” Ele então se despediu de nós. Todos nós agradecemos muito a receptividade e a atenção que ele nos deu e descemos a rua até a Avenida Kenkiti Simomoto, onde nos encontramos com ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato descrito acima, diversas questões emanam acerca das dinâmicas sociais lá presentes. Eu gostaria de levantar cinco deles que saltaram mais aos meus olhos no dia da visita, levando em consideração que, para o trabalho final, serão consideradas as demandas das famílias as quais visitaremos. Todavia estas questões podem ser usadas como horizonte para auxiliar na construção do trabalho final:

- 1- **O impacto real das políticas públicas:** A primeira questão que me foi levantada foi com relação ao impacto das políticas sociais na Vila Nova Jaguaré. No caso do CCA que visitamos, 120 crianças são atendidas por ele. Porém, este número limitado de vagas atende a toda a demanda da comunidade? O que foi discutido posteriormente, é que a Vila Nova Jaguaré é um território pertencente à Lapa, ou seja, O Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) mais próximo do bairro se localiza na Lapa. Para chegar lá, um morador da Vila Nova Jaguaré demoraria de 45 minutos. Neste caso, qual o impacto real das políticas públicas nas vidas daquelas pessoas?
- 2- **A Adolescência e os Serviços de Assistência Social:** Sabe-se que os CCAs são equipamentos vinculados à secretaria de Assistência Social, que preconiza o a participação de crianças de até 14 anos nestes serviços. A impressão que eu tive, porém, é que não há uma continuidade deste serviço com outros após as crianças completarem os 15 anos. A grande presença de adolescentes nos espaços que visitamos também evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas para os adolescentes.
- 3- **As relações de Gênero:** Outra característica que ficou evidente para mim foi a grande maioria de homens nos espaços públicos de convivência. Sejam eles bares, restaurantes ou rodas de amigos nas ruas. A partir disto, qual tipo de restrição, social ou cultural, que resulta em uma menos circulação das mulheres

nestes espaços? E por onde estas mulheres se encontram? Cabe, então, pensar em políticas voltadas para elas e a maior apropriação do território?

- 4- **As relações da comunidade com seu entorno:** Esta foi uma das questões que mais me deixaram intrigado pois, ao conversar com o Chico, parecia que há pouco contato da comunidade com os bairros os redor. Não posso afirmar ao certo que isto se dá por conta dos vizinhos ou da comunidade, mas pode-se também pensar em meios de aproximação e de diálogo entre os moradores, para que se fortaleça a comunidade como um todo.
- 5- **O esvaziamento dos Movimentos Sociais:** Esta é uma questão levantada por Chico e que poderia ser analisada de um ponto de vista mais macrossocial. Aparentemente, este é um processo que ocorre não somente na comunidade da Vila Nova Jaguaré, mas em diversos outros espaços. Com isto, podemos pensar em estratégias de fortalecimento dos laços comunitários para que as conquistas possam ser mantidas e ampliadas.

De um modo geral, a experiência deste contato foi extremamente rica e me proporcionou pensar a minha relação com a cidade sob diversos aspectos. A imensa familiaridade que eu tive com o local me fez pensar sob o quão próximo eu me encontro desta realidade, e de que a distância que mantemos entre nós e eles é muito mais ideológica do que propriamente real.

Lembrei-me muito da minha infância, na qual eu cresci em um bairro da periferia e, duas ruas depois se localizava uma comunidade muito parecida com a Vila Nova Jaguaré. Um dia, ao andar de bicicleta pelo bairro, resolvi atravessar a fronteira que eu nem sabia que existia e fiquei por algumas horas pedalando dentro da comunidade. Meus pais, ao ficarem sabendo, brigaram comigo e falaram sobre como lá era perigoso, me orientando para que eu nunca mais fosse para lá. Criou-se em mim, portanto, uma barreira imaginária que me separava daqueles que, a partir daquele momento passaram a ser vistos como os diferentes. Para além da segregação, o que está em jogo, nestes casos, é um processo de disputa territorial. Aqueles que consideramos como *os outros*, neste caso, são aqueles que ocupam espaços que de disputa, espaços que julgamos não ser pertencentes a eles.

## REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. Capítulo 1: Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. LTC, 1989.

JAGUARÉ CAMINHOS. Programa Social do Colégio Santa Cruz.  
<http://www.santacruz.g12.br/index.php/projeto-social-2/programa-social-no-jaguare>

GALEAO-SILVA, Luis Guilherme; GONZALEZ, Lauro; ALVES, Mario Aquino.  
Comunidade e reconhecimento nas relações econômicas. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 15, n. 2, dez. 2012 .